

Desunião de líderes de direita pode prejudicá-la, dizem especialistas

Ao Correio, analistas políticos destacam que brigas internas podem ajudar Lula

Lula Marques/Agência Brasil

Por Gabriela Gallo

Como era esperado, as campanhas eleitorais para as eleições de 2026 seguem a todo vapor. Neste sábado (7) se encerraram as comemorações do aniversário de 46 anos do Partido dos Trabalhadores (PT), na Bahia, e se iniciou oficialmente a pré-campanha à reeleição do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), que pode enfrentar resistência de parte do eleitorado.

De acordo com o último levantamento da Pesquisa Meio/Ideia, divulgado na última quarta-feira (4), Lula vem enfrentando uma redução da sua vantagem. Segundo a pesquisa de intenção de votos, caso as eleições ocorressem atualmente, Lula enfrentaria um empate técnico no segundo turno em uma eventual disputa contra o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ), o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos), ou a ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro. Porém, apesar dessa aproximação dos nomes da direita de Lula, há um fator que, ao final, pode atrapalhar o segmento: a sua divisão em torno de seus projetos.

As brigas que vêm acontecendo especialmente em torno da formação dos palanques regionais podem resvalar para o quadro nacional. “Em eleição presidencial, tempo perdido acaba saindo muito caro”, alerta ao Correio da Manhã o cientista político Elias Tavares.

Um exemplo nítido é a disputa que está acontecendo em Santa Catarina. Inicialmente, o governador do estado Jorginho Mello (PL), candidato à reeleição, tinha inicialmente firmado sua chapa com o deputado federal licenciado Carlos Chiodini (MDB) como seu vice e lançando como seus representantes para o Senado por Santa Catarina o senador Esperidião Amin (PP) e a deputada federal Caroline De Toni (PL). A equação, contudo, mudou quando o vereador do Rio de Janeiro, Carlos Bolsonaro (PL), decidiu que também iria concorrer ao Senado por Santa Catarina.

Na dança das cadeiras para englobar o filho do ex-presidente Jair Bolsonaro, Jorginho Mello rompeu com o MDB para ter como vice o prefeito de Joinville, Adriano Silva (Novo), e definiu que lançaria para o Senado Carlos Bolsonaro e Caroline de Toni, descartando Esperidião Amin. No entanto, na última terça-feira (3), por orientação do presidente do Partido Liberal Valdemar Costa Neto, o governador voltou atrás e descartou de Toni para firmar a candidatura de Esperidião Amin ao Senado. Segundo Valde-



Instagram @carolinedetoni

Enquanto luta para orbitar em torno de Bolsonaro, a direita briga



Ida de Carlos desarrumou o palanque em Santa Catarina

mar, a medida visa reforçar a aliança do partido com o PP.

Por outro lado, a parlamentar, que conta com o apoio de Michelle Bolsonaro, se sentiu traída com a troca. A expectativa é que ela saia do partido e se filie a outra sigla para disputar o Senado.

“Se percebe que a disputa não é ideológica. É uma disputa por espaço, por protagonismo, e sobretudo por quem fica mais próximo do bolsonarismo. O Esperidião Amin quer ocupar esse lugar, a Carol também, e não há espaço para todo mundo dentro do mesmo guarda-chuva partidário. Isso acaba aumentando essa fragmentação e a troca de lideranças por campos eleitorais”, declarou Elias Tavares.

Piauí e DF

Outro exemplo de ramificação na direita envolve o senador Ciro Nogueira (PP-PI). Com medo de não ser reeleito senador, Nogueira procurou o presidente Lula para tentar firmar um acordo ao Senado pelo Piauí. As informações são da Folha de São Paulo. Nesse acordo, Lula se comprometeria a somente lançar como seu candidato ao Senado pelo Piauí o senador Marcelo Castro (MDB). A medida deixaria

a vaga restante para a Casa Legislativa livre para Ciro Nogueira. Em troca, o PP se absteria de apoiar a candidatura de Flávio Bolsonaro (PL-RJ) para a Presidência. Não se sabe se Lula aceitará o acordo.

Nas articulações internas para os representantes do Distrito Federal, a situação não é diferente. Como adiantado pelo Correio da Manhã, na capital federal há um embate na composição da chapa da vice-governadora Celina Leão (PP), que inicialmente era considerada a candidata favorita da disputa, com chances de vir a ser eleita sem muito esforço. O atual governador do DF, Ibaneis Rocha (MDB) seria o candidato ao Senado na chapa. Mas foi atropelado pela intenção do PL de ter como candidatas Michelle Bolsonaro e a deputada federal Bia Kicis, o que deixaria Ibaneis, que agora ainda se vê desgastado com a crise da negociação entre o Banco Master e o Banco de Brasília (BRB), sem vaga.

A reportagem ainda conversou com o cientista político Rócio Barreto, o qual reiterou que, apesar de todos os exemplos evidenciarem uma direita desunida, Santa Catarina se tornou um “exemplo clássico de que a direita

pode perder uma vaga que seria dela, por excesso de ego”.

“Os palanques estaduais, sem ter um palanque unificado, presidencializáveis, ficam órfãos em estados-chave, governadores negociam com Lula por conveniência, a direita perde a narrativa nacional”, pontuou ao Correio da Manhã.

Eleições

Para a reportagem, ambos os cientistas políticos destacaram que, apesar da direita brasileira ser mais volumosa que a esquerda, ela está mais desorganizada, o que pode prejudicá-la.

“A esquerda tem um candidato claro, que é Lula, um campo político relativamente delimitado, sabemos os partidos que vão apoiá-lo [Lula], a estratégia é previsível, existe coordenação. Isso não significa facilidade eleitoral, mas significa organização, e organização nesse ponto pesa muito. Já a direita vive um problema de representatividade de comando. Seu principal líder, Jair Bolsonaro, está preso e fora do processo eleitoral, e não existe uma herança automática desse capital político. Isso abre uma disputa intensa por protagonismo dentro da direita. Não há um centro de gra-

vidade claro, não há um nome que consiga unificar esse campo, até então”, destacou Elias Tavares.

Para Rócio Barreto, o peso dessas divergências pode ser baixo para a definição do primeiro turno presidencial, mas “para o Senado e nos estados é altíssimo”. E pode acabar decisivo no segundo turno.

“Se a direita chegar dividida ao segundo turno, com feridas abertas, traições recentes e lideranças ressentidas, ela entra em campo com mais voto, mas menos controle do jogo. Isso abre espaço para neutralidade de aliados que ficam de pender para o lado mais forte ou para o lado onde possam ter maiores compensações, apoios ‘envergonhados’, migração silenciosa de palanques”, ressaltou o cientista político.

“As brigas não destroem o capital eleitoral da direita, mas reduzem sua capacidade de convertê-la em vitória, especialmente no segundo turno”, ele ressaltou.

Não é vida fácil

Tavares ainda destaca que, do ponto de vista eleitoral, essa racha da direita favorece Lula a curto prazo. “Mas isso não quer dizer que ele terá uma vida fácil. Pelo contrário, o que as pesquisas mostram, é que qualquer nome da direita que chegue ao segundo turno vai enfrentar Lula com a mesma força. Flávio Bolsonaro tem sim um potencial eleitoral, teria ainda mais se a direita estivesse concentrada em seu nome como a grande aliança nacional, mas esse não é o cenário hoje”, ponderou o analista.

Ele ainda destacou que, a tendência é o processo eleitoral ser definido por um margem mínima, tal como em 2022, com “forte rejeição dos dois lados e um eleitorado desmobilizado”.